

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

Eschappard, 6, rue Saint-Petersbourg
Assigaturen

Anno. 1885. 24 francos

Semestral 12 " "

Avulso. 1 " "

Se conta da Europa 14 francos por semestral e 24 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 17.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1885

Director : MARIANO PERA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTICIAS, 70, R. do Ovidor.
Assigaturen

Anno. 1885. 12.000

Semestral 6.000

Avulso. 14.000

500



O TEMPO DA CAÇA — Um só pássaro

G. JUNQUEIRO E RAMALHO ORTIGÃO

—Garcia Junqueira, o eminente poeta, Ramalho Ortigão, o eminente crítico, acabam de publicar dois livros extraordinários — *A Velhice do Padre Eterno* e *A Holanda*. A *ILUSTRAÇÃO* não podia deixar passar despercebido este grande acontecimento litterario. No próximo numero, o nosso jornal prestará tambem a sua homenagem a estas duas grandes arstias que acabam de dotar a litteratura portugueza com mais duas obras-primas.



A ILUSTRAÇÃO

A ILLUSTRAÇÃO continúa a conservar a sua excellente reputação de primeiro jornal artístico e litterario impresso em lingua portugueza.

Com a distribuição dos últimos números da imprensa de Portugal e do Brazil referio-nos, embora registasse em termos tão elogiosos e simpáticos, que seria demasiadamente repetitivo aqui. A todos os nossos colegas da imprensa luso-brazileira enviamos os nossos agradecimentos, pelas muitas palavras boas que nos tem sempre

...aos nossos leitores que a *Ilustração* é o unico jornal que tem publicando regularmente trabalhos puramente inéditos de romancistas, poetas e criticos d'este valor.

Bento Moreno.
Cesario Verde
Conde de Ficalho.
Eça de Queiroz.
Escragnolle Taunay.
Fialho d'Almeida.
Jayme de Seguiet.
Joaquim d'Araujo.
Luiz Delfino.
Luiz Guimarães.
Machado d'Assis.
Mariano Pina.
Oliveira Martins.
Theophilo Braga.
Valentim de Magalhães.
etc., etc., etc.

e trabalhos puramente inéditos de artistas portugueses e brasileiros, tais como

Antonio Ramalho.
Columbano B. Pinheiro.
Francisco Villaga.
Manuel Macedo.
Raphael Bortolho Pinheiro.
Rodolpho Amado.
Souza Filho.
etc. etc. etc.

A ILUSTRAÇÃO procura por todos os modos ser o jornal mais completo e mais barato que se conhece em lingua portugueza. Além das suas secções artisticas e litterarias, publica regularmente uma secção de MUSICAS PARA PIANO e uma secção com a ÚLTIMA MODA DE PARIS.

OS QUE COMECAM

RAIO é o dia em que o correio me não traga duas ou trez produções calligraphicas e litterarias, assignadas por nomes absolutamente desconhecidos n'esta aldeia onde todos se conhecem e que nós conhecemos sob o nome de « Litteratura portugueza ». Verdade é, que a aldeola conta uma meia dúzia de talentos capazes de revolucionar algumas das mais afumadas cidades d'este velho continente em que apodrecemos... Mas a politica tem desacreditado o paiz — e quando um paiz é desacreditado pela sua politica á face da Europa, o credito da sua Arte e da sua Litteratura vai tambem no enxurro...

Esta affluencia de original, implorando a publicidade da Illustração, enche n'este momento trez grandes gavetas. Representa em sellos do correio, em regulares, em papel, uma somma não inferior a 120,000 reis! São contos, poesias, artigos philosophicos, criticas politicas e de costume, phantasias historicas em prosa e verso, pensamentos moraes, « anedoctas para fazer rir » (sic) — sem contar os desenhos de curiosos, á penna e á lapis, e as musicas para piano e guitarra e flauta, hymnos e fados, valses e mazurkas.

A quantidade de concorrentes á profissão ainda no estado metaphysico de « litterato portuguez » é assombrosa. Os lugares estão sendo mais desejados pela mocidade, que ainda ha pouco os lugares para amanuense! O que a mocidade tem em vista, não sei. O que é um facto, é que não ha hoje nem um mancebo lisboeta que se não autê « litterato » com a mesma fúria com que ha annos se atizavam as ondas de burguezinhas que para o Passello Publico iam ouvir os famosos concertos de Mme. Amann...

Os melos que os concorrentes empregam, para ver se chegam á pista, são diversísimos : Uns, fazem-se acompanhar de cartas de recommendação: deputados... ah! deputados! que me dizem que me não conhecem, mas que esperam que eu lhes não negue um tal obsequio... Quasi sempre nego! Nunca pude levar á paciência que um deputado se queira metter em cousas de litteratura. Porque todos os deputados que toem querido ser escriptores — são os piores escriptores que eu conheço. E vice-versa : Não ha piores representantes do povo, que os litteratos...

— Outros concurrentes, a falta de recommendação official, affiançam-me que andarem comigo pelos cafés de Lisboa, o que, seja dito de passagem, que me conste, não equivale ainda nem a um titulo litterario, nem a uma carta de bacharel. Ao x'ja tive o prazer de lhe apertar a mão no *Maninho*, eu prefiro ainda assim uma certidão d'inscricção primaria! Talvez que um dia, todas as pessoas que até hoje me tem apertado a mão, só por este facto, possam vir a fazer obras primas do valor dos *Lusadas* do D. Qui-

xote, ou do Fausto. Mas, por mais que as experiências não tenham o dores e a glória das histórias...

Ha os concurrentes que se disputam os seus titulos de assignatarios. Ha-os que se disputam principalmente que assignaram a obra, e que se disputam publicar os seus versos, e os descriptores, e os que tambem é poeta nas horas vagas, e como se cada individuo que assignasse um jornal tivesse por esse facto considerado seu redactor, e chefe! No nosso pais ha ingenuidades adoraveis, e ignorancias mais adoraveis ainda! Eu sempre pensei que, quando um individuo assignava um jornal — era para o ler. Agora vejo que é para o redigir! Applicando o mesmo raciocinio aos livros, quem compra um romance de Eça de Queiroz, não é para o ler — é para fazer outro igual. E quem compra um lugar para a Opera, não é para ir ver e ouvir — é para ter o direito de ir cantar a parte de tenor ou de baixo, conforme está no *partido* ou na *geral*...

Ha tambem os concurentes que me ordenam que publique a versalhada no mais proximo numero; que me mandam, como se manda um moco de recados. Tambem eu os mando!.....

Ha os que imploram protecção. Ha os que para me *decidirem*, podem que lhes publique « os réles sonetos inclusos » (sic) ou « a borra-cheira que junto remetto » (sic). Ou sei que isto é uma fôrma capciosa de exprimir a modestia propria. Má fôrma! O meu dever de director é só publicar cousas boas. Ora desde o momento que o proprio auctor affirma em carta, que o que escreveu é réles e que é uma grande borra-cheira, imaginarem que mando publicar seme-lhante cousa — é tomarem-me por tólo... Com o que eu me não zanko!

Ha os que para me commoverem logo do começo me chamam « Mestre » e a ILUSTRACÃO — « Sol qui illumina o firmamento luzo-brasileiro ». Pois estão muito enganados. Não somos nada d'isso. E se tornam a chamar-nos nomes — chamamos eu a uma policia correcional!

E ha então os bons e ingenuos noviços, os que sahiram hontem do collegio ou do lyceu, os que fallam com o coração nas mãos, os que contam toda a sua vida e todos os seus sonhos, os que não tem nem uma modestia postica que revolte, nem uma arrogancia que faz rir; os que são sinceros, os que se leem com prazer, incorrectos, defeituosos, trazendo reminiscencias de todos os livros que tem folheado — mas que em todo o caso promettem furar.

Todos os mezes destino um dia — sempre um domingo — para ler attentamente o que tem chegado. Mas ultimamente, n'uma curta *villégiatura* em Saint-Germain, decidi-me a ler uma grande quantidade de originaes, de que ainda não tinha lido senão as primeiras linhas ou os primeiros versos. E revendo as minhas notas desde a fundação da Illustração, cheguei de novo a apurar para a typographie, como original de debutantes — o mais recondidinho zero que um lapis bem apurado, entre os meus dedos, tem feito em dias de minha vida.

Decidi-me a ser da maior benevolência para os que começam; examinar com a mais escrupulosa atenção os seus escriptos; quiz advinhar mesmo: através d'aquelles caylos hesitantes, as características e ainda falsos, o Talento que anda tombando para cada lado como um abrioço, como uma creança que não sabe andar; — e acabei sempre os meus exames cheio de amor.

recimento, cheio de tristeza, sem ter sequer arrependido a este ponto uma coisa que pudesse resistir à luz do sol.

Tudo o meu desejo era realizar uma d'estas ambições, dar publicidade a um d'estes escriptos. Sei perfeitamente quanta alegria isto lhes havia de dar! Quantas horas felizes lendo e relendo o artigo, para ver se sahio n'um bom sítio, se veio sem erros! Que o digam, todos os meus camaradas de letras, com que enthusiasmo não viram pela primeira vez o seu nome em « letra redonda? » Com quanta commoção não deitaram na caixa do correio a primeira obra que implorava a publicidade a qualquer folha da moda?... E que alegria quando pela primeira vez se sabe que se disse do auctor, o que tambem se diz na *Musa em Férias*:

Entrando eu não sei onde

Disse um banqueiro opulento:

— « Li nos jornais, sr. Conde,

Que este rapaz tem talento. »

Mas todos os rapazes do meu tempo — a apenas recuo de sete annos — quando começaram a enegrecer papel não se limitavam a verdadeiros themas de rhetorica, genero epistolar ou genero descriptivo como os que actualmente recebo...

Aos dezoito annos, apenas sahiámos do lyceu, iam para a Bibliotheca, ler as *Farpas*, as *Via-gens na minha terra*, as *Odes modernas*, o *Crime do Padre Amaro* na publicação primitiva da *Revista contemporanea*. E eram depois noites em branco, um estragar de cadernos de papel, para ver se obtinamos o segredo e o habito de escrever litterariamente. Não pensem que se imitava. Tratava-se apenas de adquirir um estylo, de jogar com as palavras, de saber variar as phrases. E pouco a pouco fomos habituando a penna, mandando correspondencias para jornaes de provincia... Que correspondencias! que criticas! Até estremeço quando penso em tal!...

Aos vinte annos já se tinha lido todo o Balzac, todo o Gauthier, todo o Saint-Victor, todo o Proudhon, todo o Taine. Foi então que demos entrada no *Martinho*. O *Fialho* abandonava a sua correspondencia de Leiria; eu a minha de S. Miguel. Todo este grupo cahia então a fundo sobre os jornaes de Lisboa; conquistava as sympathias da *Havaneza* e da *loja do Carmo* — e publicava folhetins no *Diario da Manhã*. Publicar um folhetim no *Diario da Manhã* era então a forma mais evidente do triumpho, das palmas verdes, das corôas de louro... E em oito annos fez-se *Fialho d'Almeida*; Fortunato da Fonseca; um primoroso poeta indolente como um fumador do *haschich*; Teixeira Gomes, um excêntrico e um prosador originalissimo; Joaquim d'Araujo, o poeta que todos aqui conhecem; e outros que abandonaram a bohemía litteraria para serem medicos, engenheiros, agricultores, pelo que eu os felicito, e bachareis... pelo que eu lhes dou os meus pezames!

Mas o que nunca se vio entre os rapazes d'aquelle tempo, é esta gravidade de velho pensador que reveste toda a obra litteraria que actualmente recebo. Nos contos que me enviam hoje o modo ha ingenuidades que revelam um rapaz da escola, cada maneoço tem a comica preoccupação de fazer *realismo*, de escrever à Daudet e ao Zola. Cada um d'estes noviços imagina-se um escravo do Dever artistico, que lhe manda

fazer litteratura para acompanhar o movimento. Não sei se percebem! O *Eu* ainda se não sabe quando nos dará *Os Maias*... O Teixeira de Queiroz tambem não trabalha muito activamente... É necessario portanto escrever, para o publico ter que ler. E é o noviço quem se senta pela manhã á banca como faz o meu vizinho Zola; e é o noviço quem escreve. O que um noviço hoje escreve é assombroso de *bê-tise*. José Proudhon me era ao menos alegre. Os noviços são asphixiantes.

Quando fazem prosa é uma calamidade. O *realismo* teve isto de mau — todos os Homais se quizeram vingar de Flaubert, metendo-se a romancistas. Homais Seniors e Homais Juniors. Em Portugal e no Brazil isto é peor que qualquer das pragas que tanto arrelhiaram o pobre Pharaó.

Quando fazem versos, é a *Musa em Férias* e a *Morte de D. João* mastigadas. Tenho em meu poder exemplares preciosos. A collecção d'aqui a alguns annos ha de ser valiosa. Mais tarde voltarei ao assumpto para citar e transcrever. Por hoje limito-me a offerecer-lhes uma amostra dos versos d'aquelle poeta que exige a publicação de todas as suas obras, porque é assignante. Não sei como tambem não exigio que lhe publicassem o retrato e a biographia! Trata-se d'uma poesia — *Ella... Ella é o fraco*, a paixão do meu querido bardo. Vejam o retrato que elle nos manda da prenda amada:

*A sua face de neve,
A sua tez de marfim,
C'o um cor de rosa mui leve
É d'anjo, é de seraphim!*

*Seu negro cabelo, assim,
D'um brilho diamantino,
Macio como setim,
É d'um fresco matutino.*

*Como é bello vel-a assim!...
N'esse mag'co, doce enleio
Que lh'agita tanto o seio,
Que tambem m'agita a mim!*

Este *mag'co* assim escripto é assombroso... assombr'oso!

Mas de tudo, o que eu acho realmente divertido são as cartas postaes anonymas, d'esta chusma de litteratinhos que não lograram ver o seu nome na *Illustração*, e que me insultam pelo correio ficando, pelo anonymo, ao abrigo de qualquer desforço que eu deseje tomar. Porque são elles, os despeitados, que me insultam, porque alguns já mesmo me significaram o seu descontentamento em carta registrada — porque não estou disposto a encher as columnas d'este jornal com quantas mediocridades e indecencias me enviam dia a dia.

Meus caros senhores! Podem-me dirigir injurias, insultos, que não me decidem a publicá-las nas *ascuas*. E quanto a cartas anonymas, digo-lhes como Alphonse Karr dizia aos seus detractores — quando se quer metter medo a alguém, não se deve confessar que se é um covarde, não assignando a carta que se deitou no correio!

MARIANO PINA.

SANTA CECILIA

(Impressões d'um quadro de DELACROIX.)

*Num rio virginal de aguas claras e mansas,
Pequeno kniazel, a santa vai boiando,
Dilhe-se, posou a pouco, o sítio das suas tranças
E vai timidamente as aguas aboçando.*

*Circunda-a um resplendor luzente de e perneças,
Uge-lhe a fronte a luz serena, nocturna e branco,
E com a graça etherea e meiga das creanças
Santa Cecilia vai boiando, vai boiando...*

*Os cravos e os jasmims abrem-se d' luz da luz,
E ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Murmuram entre si: — « É um marmor' que fluctua »*

*Ella entra enfim no oceano... E escuta-se ao luar
A mãe do pescador, remando a ladaíinha
Pelos que ondram, Senhor! sobre as aguas do mar...*

Porto, julho, 1885.

ANTONIO NOBRE.



UMA BÔA PRÊSA

ESTAMOS na epocha da caça. Por toda a parte se batem os mattoes, e os campos, e os baldios, serras, e vales e plainos... Por toda a parte o mesmo enthusiasmo, a mesma febre, o mesmo ardor... Por toda a parte os mesmos latidos das matilhas, os gritos dos caçadores, o silvo do chumbo atravessando o ar...

É uma das epochas mais alegres do anno. É uma alegria, é uma febre, todas estas caminhadas, leguas e leguas sem descansar um instante. atroz da bella caça que levanta vôo, ou que foge diante do cano da espingarda.

Nunca se anda tanto em outra epocha do anno, nem de tão boa vontade. Ainda o sol não acordou, e já um caçador a encher o seu polvarinho, e a pôr o a tiracolo, e a pôr ao hombro a espingarda, e na companhia do seu perdigueiro, a deixar a villa e a seguir por essas campinas além, para ir fazer a sua espera...

Os amadores dizem que a pesca, a pesca á linha, é claro, tem seus encantos. Terá. Mas o que é de verdade encantador é a caça, é este desasoscego em que sempre se anda, é esta firmeza com que se faz cahir o animal que oculo passar diante do cano da nossa espingarda, são estes passeios sem fim, arrastados apenas pela caça que tanto nos pôde levar para um lado como para outro...

Entre os nossos leitores, raros são os que não sabem pegar n'uma espingarda, e que não cliem com prazer para a esplendida gravura que hoje lhe offeremos. *Bôa prêsa!*... A gravura do *bonito* animal não pode ser nem mais graciosa nem mais bella. Tem a prêsa nos dentes e não a larga empunha, o caçador se não aproxima... E quando o seu seio voltar para casa, e mostrar todo o resultado da sua jornada, o bello animal ha de passar diante d'este monte de cadaveres como quem diz: « N'esta victoria, estou por metade! »

O desenho da nossa gravura é devido ao sr. Bellecroix, um artista que se tem distinguido sempre em assumptos de vida campestre. A gravura d'esta bella pagina é de Meaulle, um outro artista illustre de Paris.



UM DRAMA HORRIVEL!

*De como um infame rafeiro
pode perturbar no exercício das suas funções uma respeitavel sentinella!*

Desenho de CARAN D'ACHE.





OS BANHOS DO MAR EM FRANÇA. — À hora da maré cheia, n'uma praia normanda

PAGINAS ALEGRES

CONTINUAMOS hoje a offercer aos nossos leitores as *Páginas alegres* que ultimamente inaugurámos, tendo a primeira um tão ruidoso successo.

Caran d'Ache é ainda hoje o nosso collaborador, aquelle que vai fazer sorrir o nosso publico com a extraordinaria aventura succedida a uma pobre sentinella.

Mas como Caran d'Ache, ha outros muitos desenadores francezes, cada qual com a sua maneira, com o seu estylo, usando o seu genero.

Temos por exemplo Job e Moloch e Sahib, sem fallarmos de Mars, aquelle que na *Illustração* tem assignado paginas tão brilhantes.

Hoje publicamos uma segunda pagina de Caran d'Ache, mas nos numeros seguintes iremos variando, de modo que os nossos leitores de Portugal e do Brazil conheçam vantajosamente todos os desenhadores espirituosos d'este grande e variado Paris artistico.

A *Illustração* cumprirá assim o dever de propaganda, que se impoz desde o seu começo.

OS BANHOS DO MAR

SEJA a praia normanda, ou seja a praia portugueza ou italiana, o caracter é o mesmo em todas, e os typos e as scenas pouco ou nada variam. O que a nossa gravura reproduz, toda esta vida, todo este movimento, estas attitudes e estes typos tão pittorescos interpretados com tanto espirito pelo nosso collaborador Chelmonski — também se encontram em todos seus detalhes n'este Espinho, na Foz, na Figueira, na Nazarrell, em Cascaes, em Pedrouços, em Setúbal, em todas estas formosissimas praias de Portugal onde agora a nossa sociedade passa o trimestre calmoso que vai de agosto a outubro.

O desenho de Chelmonski, como todos os desenhos do mesmo artista, trazem sempre uma nota naturalista d'um pittoresco e d'uma critica adoravel. Um outro desenhador teria alindado a scena, teria recortado e tallhado as elegantes, teria culteolosamente evitado as obesidades, teria feito uma scena de banho, bonita, elegante, mas parada, penteada, envernizada, sem se desmanchar um momento. Mas todo este mundo que pula, que corre, que nada, que mergulha, estes magros e estas gordas, é muito mais vivo e muito mais alegre, porque é verdadeiro, e estou certo que os nossos leitores hão de sorrir diante d'esta pagina onde ha o cunho d'um artista que observa com muito espirito.

O BRAZIL EM ANVERS

NO seu penultimo numero a *Illustração*, conforme tinha prometido aos seus leitores, publicou varias gravuras representando a secção portugueza na exposição universal de Anvers. Essas gravuras foram acolhidas com muita curiosidade pelos nossos leitores de Portugal, e os jornais noticiaram a appareição d'este numero da *Illustração* com palavras de elogio que sinceramente agradecemos aos nossos collegas da imprensa portugueza. Entre elles nota-se o *Correio da Manhã* de Lisboa que transcreveu em artigo de fundo a chronica do nosso director, que tinha por titulo *Portugal em Anvers*.

Hoje temos a certeza de que o presente numero não será acolhido com menos interesse pelos nossos leitores do Brazil, porquanto é a *Illustração* o unico jornal que vai mostrar ao publico do Imperio o modo como o Brazil se fez representar no grande concurso internacional de Antuerpia.

Foi o *Centro de Lavoura e do Commercio* do Rio de Janeiro o encarregado de organizar a grande exposição dos cafés. O governo brasileiro concedeu com um largo subsidio, e bem foi que o *Centro* se organizou rapidamente a secção produzisse o

seu aspecto, pois que, como belleza, a exposição do Brazil deixa muito a desejar. Mas o que é um facto é que no dia 2 de maio já o sr. Conde de Villeneuve, ministro do Brazil na Belgica, inaugurava o compartimento do Brazil, recebendo ali a visita do rei dos Belgas. Mas a installação completa só se realizou no dia 7 de junho.

A secção do Brazil occupa uma superficie de 500 metros.

Na grande sala representada na nossa segunda gravura fica a exposição dos cafés de Rio, das Minas Geraes, São Paulo, Espirito-Santo e Bahia da que existem 1,338 amostras, classificadas por provincias. O café está metido em bocas de vidro de diferentes formas, collocadas ao longo de prateleiras. Ao centro da grande sala vê-se o retrato de S. M. o sr. D. Pedro II.

Tambem ha magnificas amostras de madeiras mandadas pelo Arsenal de marinha, officinas de construção do caminho de ferro D. Pedro II, Campos Irmaos e C.ª, engenheiro Del-Vechio. E o que dispersa grande curiosidade são os productos da provincia do Amazonas coligidos e expostos pelo nosso collega Sant-Anna Nery, o correspondente em Paris do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Tambem é importantissima a exposição dos productos do Pará, principalmente a borracha, e curiosas amostras de carvão de pedra das minas d'Arroio dos Ratos, na provincia de Rio Grande do Sul. Tudo isto foi organizado pelo sr. Nery e por elle trazido da sua ultima viagem á provincia do Amazonas.

Ha tambem uma *vitrina* onde se encontram amostras de tabaco em folha; uma outra com amostras de magníficos crystaes; uma rica e interessante collecção de ferro em barra; uma collecção de madeiras do Paraná; alcools, etc., etc.

A exposição do café é que é o tudo da secção brasileira.

Os principaes expositores são:

PELO RIO DE JANEIRO

Srs. Visconde de Nova Friburgo,
Visconde de São Clemente,
Barão de Rio Bonito,
Carvalho e Faro,
Barão de Santa Maria,
Dr. Christovão Rodrigues d'Andrade,
Domingos Theodoro d'Azevedo,
Araújo Maia e irmão,
Herdeiros de João Pereira da Silva,
Manuel Luiz Pereira d'Andrade,
Dr. A. Lazzarini,
Barão d'Oliveira Roxo,
João Antonio Esteves, etc.

POR S. PAULO

Srs. José Gonçalves d'Araújo Vianna,
Ferreira e Guedes,
Dr. Luiz Pereira da Silva,
Lacerda e irmão,
Antonio Franco Arruda,
Protes e Filho, etc.

POR MINAS GERAES

Srs. Barão d'Araújo Maia,
Barão de Santa Helena,
Dr. Lage Barbosa,
Barão de Santa Leopadia,
Pedro Procopio,
Rodrigues Valle, etc.

Pena é que não viessem amostras de café do Ceará, que é considerado um dos melhores. Nas amostras de cafés de Bahia sobressaem as dos srs. Pinto e irmão.

Os mineiros é que ficaram fora do concurso, ficando sem recompensas os esplendidos productos das minas de São João d'Elrey.

O Brazil obteve ao todo 227 recompensas, entre ellas 11 diplomas de honra.

As amostras de couros agradaram muito e obtive-

ram medalhas d'ouro, sendo concedido pelo jury ao *Centro de Lavoura e do Commercio* um diploma d'honra.

Dos tabacos da Bahia foram principaes expositores os srs. F. J. Cardozo, Dahmann e S. Fernandes, E do Rio o sr. J. F. Correia.

Os vinhos brasileiros obtiveram medalha de ouro, e todas as madeiras foram premiadas.

Finalmente, se a exposição do Brazil não brilhou pelo seu aspecto exterior, fez excellentes figura pela superior qualidade dos seus productos.

E não nos esqueçamos de alludir á nossa primeira gravura representando o pavilhão onde se tomava o café. Todos os visitantes eram recebidos ali, e ali lhe offerciam uma chavena de primoroso café. E tão apreciado foi, que actualmente se distribuem 3,000 chavenas por dia.

N'este pavilhão encontrámo-nos com Nicolau Ribeiro, um excellentes amigo que a sociedade de Lisboa conhece como antigo assignante de S. Carlos, e que foi d'uma prodigiosa actividade em auxiliar todos os trabalhos, sendo organisador e secretario da commissão. E todo este trabalho apenas pelo amor do seu paiz, porque nem talvez o governo brasileiro saiba quantos serviços prestou o seu compatriota, hoje residente em Bruxellas, e que todos os dias estava em Anvers a auxiliar as installações. Tambem é digno de elogios o sr. Deleau, o delegado especial do *Centro de Lavoura*, e o sr. Eduardo Pecher, ex negociante no Brazil.

Isto dito não é nossa intenção esquecer o que fizeram os commissarios do governo, entre elles o nosso amigo Guimarães, um dos delegados especiaes do governo imperial.

As nossas photographuras são chapas directas das unicas e raras photographias que se tiraram, e que só estão em poder dos membros officiaes da secção do Brazil.

MÃE



Um de encantos n'esta figura côr da rosa
da criança adormecida n'um triste berço
Quanta serenidade n'este somno d'um
anjo que o céu poderia bem guardar nas
suas regiões serenas...

É sem duvida este o pensamento fixo d'essa mãe
que, pendida sobre o fructo das suas entranhas,
amaldiçoou o passado, receia o futuro, o que forma
na sua dôr muda, um tão vivo e tão dramatico con-
traste com a innocente e meiga creaturinha. Pobre
mãe!... « Ser mãe, é o inferno!... » como se diz na
Arlésiana, este poema em prosa de Daudet. De que
horribes incertezas se não enche a sua pobre cabe-
ça, vendo-se viuva e pobre, e com um filhinho que
ella talvez não possa guiar no mundo...

Poucas vezes o pincel d'um artista produziu uma
pagina tão philosophica, que diz mais que o mais
bello artigo. Esta tela de Deschamps foi uma das
obras mais applaudidas do *Salon* de Paris. Se a nossa
gravura não pode dar uma ideia da côr, o desenho
e o sentimento do quadro foram maravilhosamente
traduzidos pelo nosso eminente collaborador artis-
tico Ch. Baudé, aquelle que no penultimo numero
da *Illustração* nos apresentou o esplendido retrato
do nosso collega Pinheiro Chagas.

A ULTIMA MODA DE PARIS



UMA grande abundancia de materias obri-
gou-nos, com grande pezar nosso, a re-
fardar d'alguns numeros a nossa prometida
secção de modas.

Muitas das nossas leitoras esqueceram-nos, admi-
radas da sem-cerimonia com que tínhamos prometi-
do uma secção regular, a que logo faltamos. Mas a

alluvião de assumptos forçados passava. — A Intimidação recommença a dar em todos os números um desenho da ultima novidade parisiense em *tailleuses* de senhoras. E os theatros vão abrir, e os bailes vão começar, o outono bate-nos á porta, e as nossas leitoras podem estar certas que lhes havemos de offerecer as grandes curiosidades da *toilette* que mais falladas forem em Paris.

A graxata que hoje damos representa uma *toilette* muito na moda na praia de Trouville e de Dieppe:

Meia saia em estampa azul marinho sobre uma saia azul, com pregas no cós. A meia saia termina em ponta e a mesma forma é repetida no cós.

OS DOMINGOS NO SENA

O elegante e espirituoso *croquis* do nosso collaborador, dá perfeitamente uma idea do que são estes domingos sobre o Sena. Paris que não pode estar no campo nem nas praias, Paris que não tem os regatos d'uma estação em Trouville ou em Spa, o Paris dos empregados e dos pequenos burguezes e dos pequenos commerciantes — quando domingo chega, ergue-se de manhã muito cedo, e a gaze de Saint-Lazare é invadida por uma multidão buliçosa e alegre que vai a caminho de Bougival, de Marcy, de Chateau, de Saint-Germain, de Poissy, etc.

Até ao meio dia passa-se o tempo no banco, ou a pescar, ou a preparar as canções. Depois, chega a hora do almoço, a bella fritura dourada, um bom bife na grelha, e uma garrafa de bom e picante Ghahly... E o almoço findo, toca para o Sena...

O lindo espectáculo que estes margens deliciosas do rio cobertas de milhares de parisienses! E todo este mundo a saltar para as canções, a deitar as rédeas, a deitar as linhas; uns atirando-se á agua, e apostas sobre o que nada mais depressa; outros correndo o rio em todas as direcções, sobre ligeiros canoas onde ha escripto a outro o nome d'uma amante querida, e onde se descobre o louro perfil d'uma parisiense rindo para o remador, com os seus bonitos dentinhos de demonio de Paris...

E á noite todo este mundo invade os bailes de *canotiers*, e são valsaes e mais valsaes que Olivier Métra ou Audran escreveram em momentos felizes; e do quando em quando a orchestra também entoa uma quadrilha, e erguem-se um pouco as saias, e brangulam as rendas, e dá-se um pulo de can-can.

E á uma hora da noite todo este mundo entra alegremente em Paris, cheio de coragem para resistir ao trabalho insano d'uma semana, e fazer bellos projectos de divertimento para o proximo domingo, onde o mesmo entusiasmo e a mesma verve se repetem.

A CASCATA GRANDE DA TIJUCA

Este sítio é um dos mais bellos e dos mais afamados do Brazil. A Tijuca é uma das montanhas mais altas do Imperio, e a grande cascata forma um sitio immensamente agradável, muito frequentado por nacionaes e estrangeiros.

A grande cascata da Tijuca offerece um espectáculo soberbo, que o nosso collaborador Villagum se descreve com aquella elegancia e verdade de traço que tanto o caracterisam, e que o tornam um dos desenhadores mais distinctos do nosso país.

Francisco Villagum, que por muitos annos habitou o Brazil, dá a todos estes desenhos um grande caracter de observação propria, que é o que faz com que as suas paginas não apreciadas sejam entre os nossos numerosos amigos do Imperio.



O BOCADO DE PÃO

O velho duque de Hardimont estava em Aix, na Saboia, para fazer tomar as aguas ao seu famoso cavallo *Perichole*, que apanhára uma pulmonia depois d'um resfriamento no Derby. E acabava de almoçar quando, lançando um olhar distraído para um jornal, leu a noticia do desastre dos francezes na batalha de Reichshoffen.

Bebou o seu copo de *charcuterie*, pôz o guardanapo sobre a mesa do restaurante, deu ordem ao criado de quanto para fazer as malas, tomou, duas horas depois, o expresso de Paris e correu á repartição de recrutamento para se alistar n'um regimento de linha.

Pode-se ter levado, dos desenove aos vinte e cinco annos, a existencia enervante do *estradinho* — era então o termo na moda — pode-se passar uma vida estúpida nas cavallerias de corridas e nos *boudoirs* de cantoras de opereta, — ha circumstancias em que se não pode esquecer que Biquetant de Hardimont morreu com a peste em Tunis, no mesmo dia em que São Luiz, que João de Hardimont commandou as grandes campanhas no tempo do Du Guesclin, e que Francisco Henrique de Hardimont morreu combatendo em Fomenoy. Hpezar de gasto como estava pelos seus escandalosos e imbecis amores com Lucy Violente, o moço fidalgo, ao saber que uma batalha tinha sido perdida por francezes em territorio francez, sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e experimentou a horrivel impressão de quem recebe uma bofetada.

Eis a razão porque, nos primeiros dias de novembro de 1870, tendo entrado em Paris com o seu regimento que fazia parte do corpo de Vinoy, Henrique de Hardimont, atirador na « terceira » do « segundo » e membro do Jockey-Club, se achava com a sua companhia diante do reducto das Hauts-Bryères, posição fortificada á pressa, que protegia o canhão do forte de Bicêtre.

O lugar era sinistro: uma estrada bordada d'arvores magras e rachicadas, atravessando os campos leprosos dos arrabaldes, e á beira d'esta estrada, uma taberna abandonada de que os soldados tinham feito o seu posto. Tinha-se ali batido alguns dias antes, a metralha tinha destruido varias arvores, e todas traziam nos troncos as brancas cicatrizes dos tiros d'espingarda. Quanto á casa, o seu aspecto fazia estremecer; o telhado tinha sido furado por um obuz, e os muros pareciam sarapintados com sangue. As pipas aromadas; as malhas e as bolas espalhadas pelo chão; o balouço com as cordas que o vento humido fazia gemer; as inscripções, por cima da porta, rasgadas pelas balas: *Gabriel, natos de sociedade — Absintho — Vermuth — Vinho a 60 cent. o litro* — que enquadram um coelho morto, pintado por cima d'um dos tectos de bilhar atados em cruz por uma cinta...

tudo isto lembrava com uma ironia cruel a allegria popular dos domingos d'Autoum. E, por cima de tudo isto, um feio céu d'inverno onde rolavam grossas nuvens cor de chumbo, uniação baixa, colorida, odiosa.

A portada taberna, o duque estava immovel, a espingarda em bandoleira, o homem para os olhos, as mãos carnudas nas alçabaras das suas calças vermelhas, e morrendo com frio. Entretanto a sombra pensativa, esse soldado via dentro ollava tristemente a linha dos montes perdidos no nevoa, donde partia de quando em quando, com uma detominação, a nuvem branca do fumo d'um canhão Krupp.

De repente, sentiu que estava com fome.

Pôz um joelho em terra e tirou do seu sacco, encostado de encontro ao muro, um grande pedaço de pão de munição; depois, como tivesse perdido a sua navalha, trincou-o assim mesmo e comeu lentamente.

Mas depois de ter comido alguns bocados, estava satisfeito; o pão era duro e tinha um gosto amargo. E pão fresco só na distribuição do dia seguinte, e ainda se a inocencia assim o determinasse. E algumas vezes bem dura e bem triste a tal profissão de soldado; e agora é que o duque se lembrava d'aquella que elle chamava outrora os seus almogars hygienicos, quando, depois d'uma ceia mais democratica se sentava sobre uma janella do rez-do-chão do *Café Ingler*, faztando-se servir — meu Deus! uma coisa bem simples — uma costellera, dois ovos mechidos com pontas d'espargo. E o criado dos vinhos, conhecendo os seus habitos, abria com precaução uma fina garrafa de velho *léoville*, docemente escondido n'um cabazinho. Caramba! Afinal era esse o bom tempo, e jámais se poderia habitar a este pão de miseria.

E, n'um momento d'impaciencia, o rapaz atirou com o resto do pão para cima do lama.

N'este mesmo instante um soldado sabia da taberna; baixou-se, apanhou o bocado, afastou-se d'alguns passos, limpou o pão com a manga e pôz-se a devorá-lo com avides.

Henrique de Hardimont estava com vergonha do que tinha feito, e ollava com piedade para o pobre diabo que mostrava um tão bom appetito. Era um rapaz alto, mal feito de corpo, com olhos de febre e uma barba de hospital, e tão negro como as suas omeletas faziam bozza debaixo do seu capote usado.

— Pois tens tanta fome, camarada? disse aproximando-se do soldado.

— E como vés, respondeu este, com bocca chada.

— Perdão-me. Se soubesse que te poderia fazer prazer, não teria detido fora o meu pão.

— Não faz mal, respondeu o soldado. Não tenho fome.

— Não senhor, diz o aristocrata, o que se é mal feito já estou arrependido. Mas não quero que faças má ideia de mim, e como eu tenho do velho cognac no meu canil, vamos beber juntos uma boa godela.

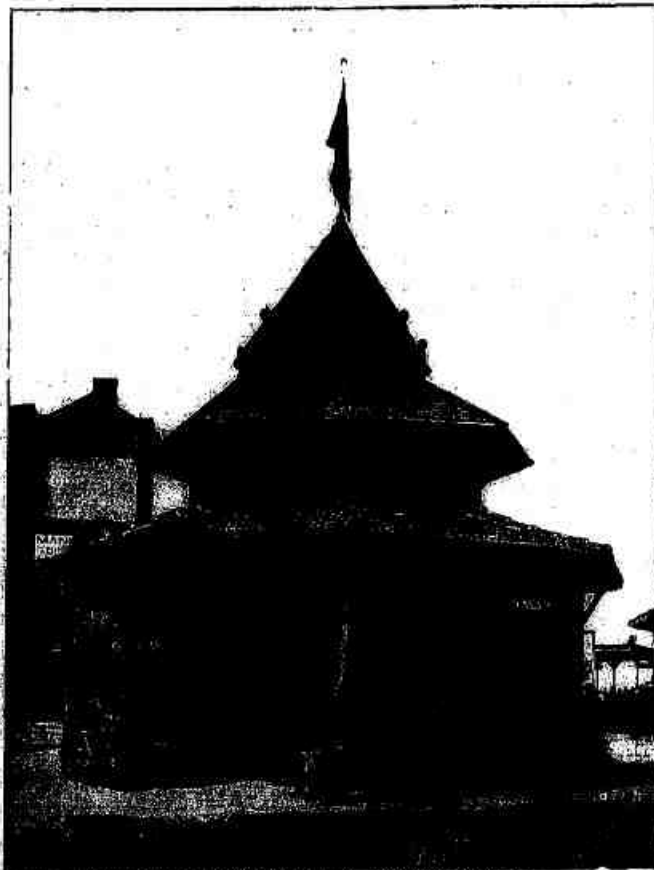
O homem tinha acabado de beber. O duque e o soldado estavam a beber o cognac.

— Hardimont, respondeu o duque, supprimindo o seu título e a sua partícula... E

João-Victor... Acabo de sair da companhia... Saio da ambulância... Fui ferido em Châtillon... Ah! era na ambulância que se estava bem, e o enfermeiro dava-nos bem bom caldo de cavallo... Mas a ferida não era grande; o major assignou a minha sahida, e, agora vae-se de novo rebentar com fome... Se não quizeres não acredites camarada, mas tal que tu me vês, tive sempre fome toda a minha vida!

A palavra era medonha, dita a um voluptuoso que lamentava ainda ha pouco a cosinha do *Café Inglez*, e o duque de Hardimont olhou para o seu companheiro com espanto. O soldado sorriu dolorosamente, deixando ver os seus dentes de lobo; os seus dentes de esfaimado, tão brancos n'aquella face cor de terra. E adivinhando que se estava a espera d'uma confidencia:

— Olhe, disse o soldado cessando bruscamente de tratar por tu o seu camarada, adivinhando sem duvida que era um feliz e um rico, — olhe, vamos andar um bocado para aquecermos os pés, e eu lhe contarei cousas que sem du-



O BRAZIL EM ANVERS. — Headquarters do café

vida nunca ouviu... Chamo-me João-Victor, João-Victor sem mais nada, por que sou um engelizado, e a unica recordação boa que tenho é o tempo da minha primeira infancia, enquanto estive na casa dos expostos. Os lençoes eram brancos, nos leitos do nosso dormitorio; brincava-se n'um jardim, debaixo de grandes arvores, e havia uma religiosa, muito nova, pallida como um cirio, — andava doente do peito — de quem eu era o preferido e com quem gostava mais de passeiar, do que brincar com as outras creanças, por que me puchava contra si fazendo-me festas com a sua mão magra e morna... Mas aos doze annos, depois da primeira communhão, só a miseria! A administração tinha-me posto em aprendizagem em casa d'um empalhador de cadeiras do *faubourg* São-Jacques. Já vê que não é um officio; impossivel de ganhar a vida, e a prova é que a maior parte do tempo o patrão só tomava como aprendizes os rapazes do hospicio dos cegos. Foi então que comencei a passar fome. O patrão e a patrão, — dois velhos, marido e mulher, que morreram assassinados, — eram terríveis avarentos, e o pão, depois de nos ter dado um bocado muito



O BRAZIL EM ANVERS. — Alameda de exposições brasileiras



M. I. E. — Quadro de Luis Deschamps. — Gravura de Sando.

pequeno ao almoço e ao jantar, ficava fechado á chave. É á noite, á hora da ceia, era curioso ver a patrão quando nos servia a sôpa, o suspiro que soltava de cada vez que nos dava mais uma colher... Os dois outros aprendizes, os cegos, eram menos infelizes do que eu; não lhe davam mais do que me davam, mas não viam o olhar d'esta má mulher de cada vez que me estendia o prato... É a desgraça é que já tinha então um grande apetite. Ora diga-me se a culpa é minha?... Fiz lá trez annos de aprendizagem, sem nunca satisfazer o meu apetite... Trez annos! Aprende-se áquelle officio n'um mez; mas a administração nem tudo pode saber e não pensa que exploram com as crianças... Ah! admirou-se de me ver pegar no pão enlameado? Pois já estou habituado; apanhei muitas côdeas pelas valetas, e quando estavam muito sêccas, deixava-as amollecere toda a noite na minha bacia... Algumas vezes também apanhava bons bocados, os bocados de pão que os rapazes deitam fora quando saem da escola. Quando andava aos recados era sempre por onde passava... E depois, quando a aprendizagem acabou, comecei a trabalhar pelo officio, que não dá para um homem comer. Também tive outros, porque nunca me faltou a coragem para o trabalho. Dei serventia a pedreiros: fui criado de armazens, fui limpa-chaminés, nem eu já me lembro do que fui! Hoje não havia que fazer; amanhã era despedido... Emfim, nunca comi á minha vontade... Ah! com mil demonios! que ás vezes tinha furias quando passava diante d'uma padaria! Felizmente para mim, n'esses momentos, lembrava-me sempre da boa religiosa do hospício, que tantas vezes me recomendou que fosse honrado, e até parece que sentia sobre a minha cabeça o calor da sua mãozinha... Finalmente, aos dezoito annos assentei praça... E agora — até quasi que me dá vontade de ris — temos o cerco e a fome!... Já vê que não lhe menti ha bocado quando lhe disse que tinha tido sempre, sempre fome!

* *

O duque tinha bom coração, e ouvindo esta confissão terrível, feita por um homem como elle, por um soldado cujo uniforme tornava seu igual, sentio-se profundamente commovido. Foi mesmo feliz para a sua fleugma de dandy, que o vento da tarde seccasse nos seus olhos duas lagrimas que acabavam de apparecer.

— João-Victor, disse, não ousando por um instinto delicado tratar por tu o engeitado, se sahimos vivos d'esta guerra medonha, hãvemos de nos ver e espero poder-lhe servir para alguma cousa. Mas n'este momento como não ha nos postos avançados outro padeiro senão o cabo e como a minha ração de pão é duas vezes maior que o meu apetite, — fica assente, não é verdade? — que hãvemos de dividir como bons camaradas.

Foi valente o apêto de mão d'estes dois homens; e como á noite cahisse, entraram para a taverna onde uma dúzia de soldados se tinham deitado sobre a palha e, deitando-se um ao lado do outro, adormeceram n'um profundo somno.

Pela volta da meia noite, João-Victor acordou, tendo fome á fôrça. O vento tinha varrido as nuvens, e a lua penetrando na taverna pelo buraco do telhado, illuminava a loira e bonita cabeça do jovem duque de Hardimont. Ainda todo commovido com a bondade do seu cama-

rada, João-Victor olhava-o com uma admiração terna, quando o argento do pelotão abriu a porta e chamou os cinco homens que deviam ir render as sentinellas avançadas. O duque era d'esse numero, mas não acordou quando chamaram pelo seu nome.

— Hardimont, de pé! repetio o sargento.

— Se dá licença, meu sargento, eu vou em seu lugar... Está a dormir tão socegado... e é o meu camarada.

— Como quizeres.

E desde que partiram os cinco homens, todos começaram a resonar.

Mas uma meia hora depois, tiros d'espingarda, cerrados e muito pertos, ouviram-se na noite. N'um instante todos se poseram em pé; os soldados sahiram da taberna caminhando com precaução, a mão no gatilho da espingarda, e olhando ao longo da estrada, toda embranquecida pela lua.

— Mas que horas são? diz o duque. Estava de guarda esta noite.

Alguem respondeu-lhe.

— João-Victor foi em seu lugar.

N'este momento, vio-se um soldado que chegava a correr pela estrada fóra.

— Que ha de novo? perguntaram-lhe, quando parou, todo esbaforido.

— Os Prussianos atacam... cerremo-nos sobre o reducto.

— E os camaradas?

— Vem ahí... só o pobre João-Victor...

— O quê? exclamou o duque.

— Uma bala que lhe atravessou o cranco... Morreu sem dizer: aí!

* *

Uma noite do inverno passado, pela volta das duas horas da manhã, o duque de Hardimont sahia do club com o seu visinho, o conde de Saulnes; acabava de perder algumas centenas de luizes e sentia-se com dores de cabeça.

— Se o meu caro amigo quizesse, disse ao companheiro, entrariamos a pé... Tenho necessidade de tomar ar.

— Pois não; com todo o gosto.

Mandaram embora os coupés, levantaram as golas de pelles e desceram para os lados da Magdalena. De repente, o duque empurrou alguma cousa com o bico do sapato; era um grande pedaço de pão, todo sujo de lama.

Então, com grande espanto seu, o sr. de Saulnes vio o duque de Hardimont pegar no bocado de pão, limpá-lo cuidadosamente com o seu lenço brasonado e pol-o sobre um banco do boulevard, á luz d'um bico de gaz, bem na evidência.

— Que está fazendo? diz-lhe o conde solhando uma gargalhada. Está doído?

— É a recordação d'um pobre rapaz que morreu por mim, respondeu o duque, cuja voz tremia ligeiramente... Não ria, meu caro, porque me pode offender!

FRANÇOIS COPPÉE.

NOTA LYRICA

*Nas madrugadas de estio
O sol põe, graciosamente,
Nas aguas mansas do rio
Uma chuva resplendente
De formosas pedrarias
Que as ondas, quando se movem,
Fazem brilhar, docemente,
Nas suas cúpulas frias...*

*Assim, meu lirio nevado,
Quando em noites sem luar,
Ergues o rosto maguado
Fitando o céu... esse olhar,
Esse olhar tão socegado,
Mas sempre cheio de luz.
Como se fura formado
Do brilho d'alguma cruz,
Esse olhar tão socegado
Produz no céu as estrellas,
Tão fulgurantes, tão bellas,
Que tu no céu vês brilhar,
Meu anjo casto, bendito,
E que são os reverbérios
Da meiga luz d'esse olhar
Nas ondas do infinito...*

EÇA DE ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

Já muito tempo que não venho fallar de livros aos leitores da ILUSTRAÇÃO, annunciando-lhes as ultimas novidades que surgem nos mercados de Lisboa e do Rio de Janeiro... Não pensem que o meu silencio foi devido a uma certa indignação da parte d'auctores que se julgaram maltratados nos meus artigos. Não me assustam...

Uns, imaginando ver através do meu pseudonymo a verdadeira pessoa, cahiram a fundo sobre o escriptor que assigna as chronicas da ILUSTRAÇÃO. Outros, distinguindo sob os pseudonymos de *Um assignante*, de *Um leitor*, invadiram de bilhetes postaes o escriptorio d'este jornal, bilhetes onde os meus correspondentes se permitiram excessos de intimidade que lhes podiam valer algumas dias de cadeia, se tivessem a coragem de os assignar, e se dejassem com um sujeito mais bilioso e mais feioz que este seu critico...

Tambem não reapareço para servir de jubilo a certos jornaes que pegaram nas minhas noticias para ferir directamente auctores mais maltratados. Não me sorri a ideia de fazer critica para alimentar inimizades.

Reappareço porque para cima da minha meza vieram cahir alguns livros sahidos de prêtos portuguezes e brasileiros — que reclamam meia dúzia de linhas.

Reappareço... porque me apraz reaparecer! Nem a ILUSTRAÇÃO mudou d'habitos, nem eu mudei d'ideias. Estamos ambos d'accordo. Rompe a orchestra!

Ainda duas palavras:

Tambem estes artigos não tem, nem nunca tiveram a pretensão de vir substituir os primordiais artigos que Jaime de Seguir tem publicado na secção *Letras*. Se o nosso eminente collaborador nos não tem ultimamente acompanhado, é isto apenas devido ás suas enormes occupações. O *Diario do Governo* é quem n'isto nos prejudica das boas letras. Mas bem de pressa elle retomará o seu posto, para de novo continuar a sua serie de notabilissimos artigos litterarios, tão apreciados do publico da ILUSTRAÇÃO.

Isto dito, comecemos:

ALBUM DO ACTOR SANTOS. — Haes primeiras volumes do infeliz artista, tem a particularidade original de serem...

sorrir ao lembrarmos tempos passados de gloria, e de nos deixar também tristezas... quando olhamos para o presente!

Que formosa carreira, assim tão estupidamente interrompida, quando o artista estava em plena força do seu talento! Não conheço nem maior tortura, nem maior infelicidade.

De todas as cogitações illustres de que a historia nos fella, nenhuma ha que nos mereça tanta compaixão: É o proprio caso de Castilho continuava a produzir do mesmo modo, em talvez com muito mais cuidado que no tempo em que a vista era dom que nós todos temos em abundancia.

Mas com Santos tudo muda de figura. Na sua arte a primeira condicção, a essencial, a culminante — é ver!... A vista perdida, não se encontra um palmo de illustração neste mundo dos bastidores, donde a fatalidade se para para sempre os cegos...

O *Album* traz por sub-titulo: *Repositario de curiosidades dramaticas*. É illustrado com varios desenhos de Raphael. Santos antes, santo depois, e santos em varias peças que ficaram celebres pelo seu desenho magistral.

O *Album* encerra a maioria dos documentos que existem d'esta brilhante carreira artistica. Abre por um prologo do actor: *Dividas sagradas a pagar, conselhos para quem os quizer seguir, e causas para rir*. Santos conta-nos certas partes aneddoticas da sua vida, ainda ignoradas; certos episodios com actores do seu tempo; impressões da sua viagem a Madrid, a Paris e a Londres, e entra depois a falar da vida de bastidores em Lisboa. É a parte que mais me desagradou. Paira sobre ella uma atmosphera de rabugice, que lhe tira todo o caracter de opinião sincera...

Quem ha de devorar com verdadeira gula estas paginas, é esse mundo de curiosos, de N. N. da arte dramatica, de actores despeitados, modicridades que querem ser genios — e que tomaram para alvo da sua inveja este theatro de *D. Maria*, onde um corajoso grupo de actores tem feito verdadeiros milagres.

Porque razão a mediocridade odeia *D. Maria*? Porque n'aquelle theatro a *mise en scène* tomou proporções desconhecidas em terras portuguezas; por que os actores estudando em Paris os habitos da *Comédie*, tratam com o maior escriptulo a arte de estur-



A ULTIMA MODA DE PARIS (Ver pag. 364.)

em aconça, de bem vestir, de bem andar, de bem dizer, todos os mil nadas que fazem d'um acto um primo: para a vista e um regalo para o espirito; porque em *D. Maria* se delataram para o cento as velhas scenas forradas de papel barato, galvalhos pannos remendados e sujos, e por que hoje temos um theatro nacional que põe tão bem em scena como a *Comédie* e o *Gymnase*. O proprio Santos nol-o diz:

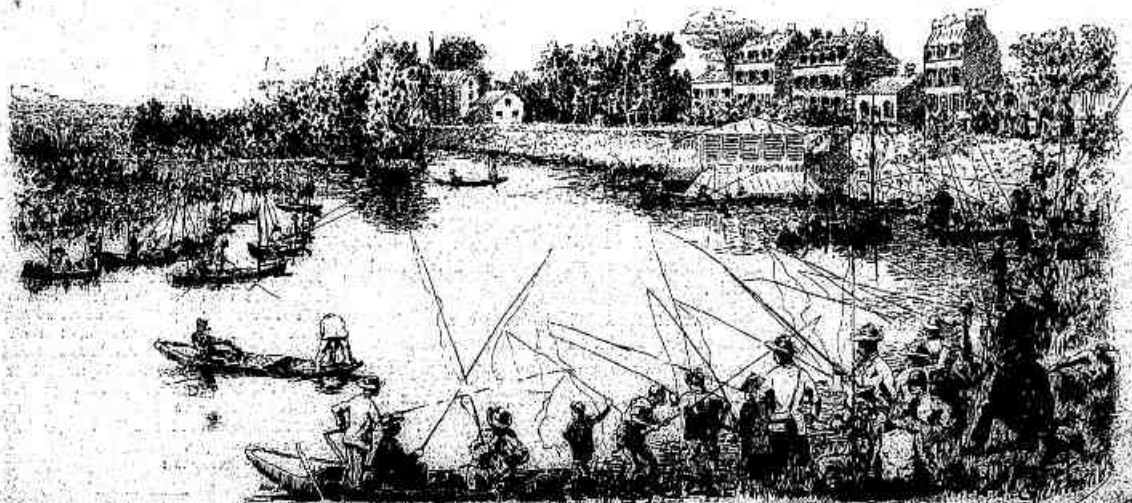
« É preciso que se saiba uma coisa — tanto nos theatros da Paris como nos de Londres, contribue n'uma grande parte para o êxito das peças o *ensemble*, a *refinção*, a *mise en scène*. »

Para que vir então fallar em erros d'um theatro que lucha corajosamente pela vida?... Mas que querem? Parece que a vida theatral não poderia existir sem estas rivalidades, sem estas *can-can*s. E a final, todas as vidas são como estas... Quantos subditos de S. M. o senhor D. Luiz! e do ar. D. Pedro II me não odeiam, com um odio coroso, por que occupo este lugar na illustração?! E quantos jornaes illustres não gritaram contra a infamia, porque a *Illustração* quize dar ao publico um jornal tão bom como os de Paris e de Londres?...

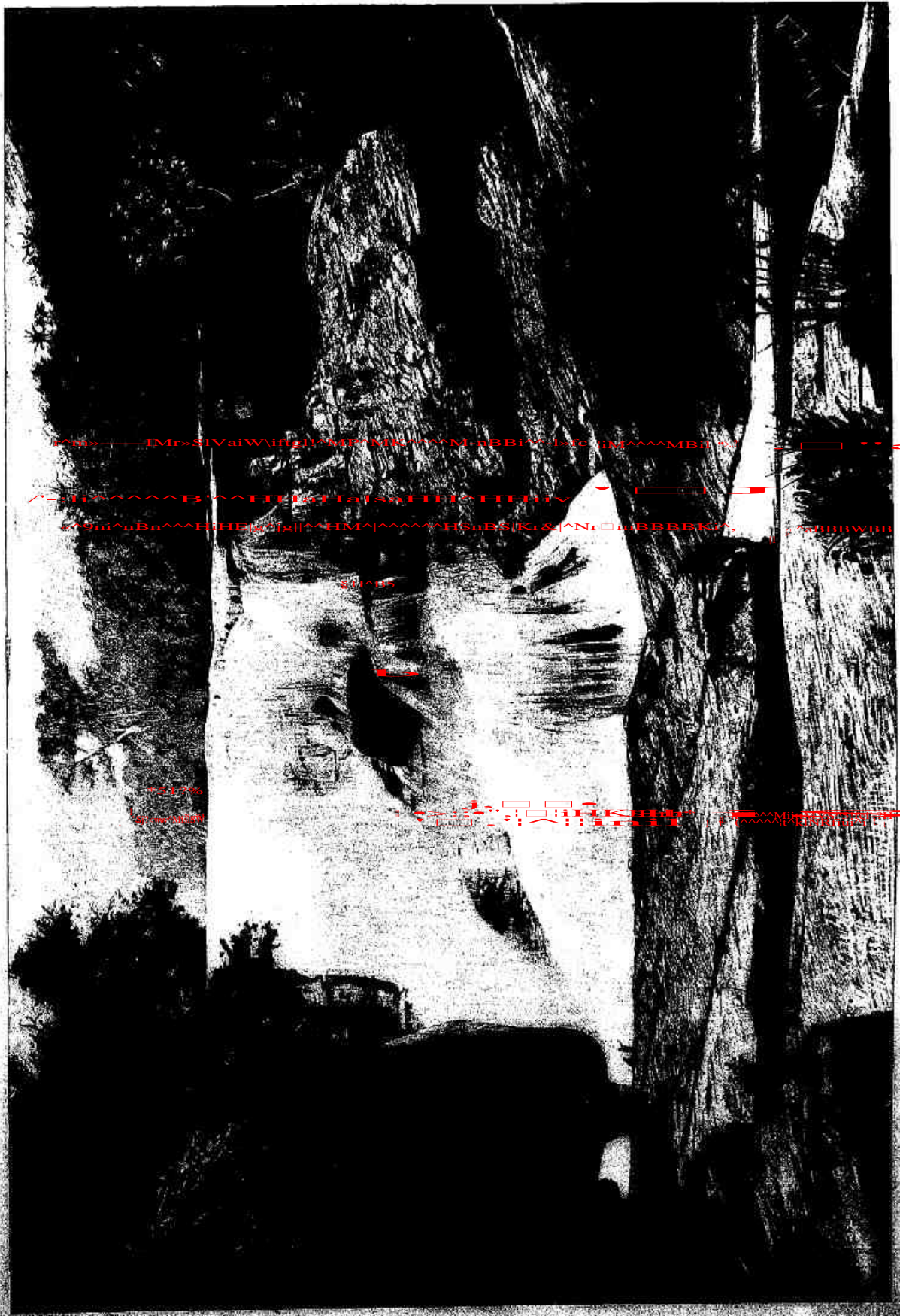
Depois, os conselhos embrulhados de censura que dirige a *Brazão*, não me parecem justos. Não é a Santos nem a nenhum outro actor eminente, que compete fazer uma critica tão severa d'um outro artista.

Um actor pode ensinar a outro actor cousas do officio, a sciencia da scena; mas d'ahi a fazer uma critica completa do artista vai uma grande distancia. E dizer categoricamente que a *Brazão* não tem feitiço, nem gesto, nem alhares, nem gargancia, nem pulsoes para fazer o *Othello*, nem o *Hernani*, nem o *Ruy-Blas*, — parece-me injustica grande e imperdoavel. Com que então o actor *Brazão* não está cem furos acima dos novos recrutas da *Comédia franceza*, Raphael Duflos e Lambert fits, a quem o theatro conta os papeis do grande repertorio romantico? Então a sua bella figura, a sua voz, o seu bello gesto, não dão um esplendido *Hernani*? ou um soberbo *Francisco I*? ou um extraordinario *Ruy-Blas*?...

O actor Santos é o proprio que nos conta no seu *Album*, que uma noite meia duzia d'individuos patacam Ramalho Ortigão, quando elle sobre a scena recebia os



PARIS PITTORESCO. — Um domingo nas margens do Sena



BRAZIL — A CASCATA GRANDE DA TIJUCA. — Desenho do nosso colaborador F. Villag

Ampaulo, dum publicissimam, som-
niamque praesentem vultu regum
seruare et posse ad rem con-
e respondendam illis comestitatis: dicit
de beneficium.

Paulus

— É Ensim, Ensim, Ensim (com Ramalho) porque tras
uma virada que ninguém...

Essas e grandes questões, não são, é um achado! E se tanto esforço se compra, eu quero sobre Brasil, e por que Brasil também tem gravistas que pingam usas! Momento singulares, não podem expor-se por qualquer isolação viciosa. Sigam-nos apenas o seguinte: Que Brasil trabalha e estuda como poucos. Que poucos ha quem possa pôr ao tão largo cultivo intelectual. Que dos seus viciem tão sempre lição e exemplo para os seus colegas. Que é um dos poucos actores que malta o seu um verdadeiro e real amor do teatro.

É o que penso, eu que também já pude ir lá fora, para saber fugir de quantos nos desejam aitar com pouco para cima dos Olhos.

E enquanto a gravidade que ninguém usa, quem é que as não tem na sua vida? Perguntem a todos os verdadeiros artistas: quantos vezes não foram patoados, por quererem fazer o que a mediocridade entende que se deve fazer... [Clique aqui](#)

Afinal, tudo isto são querrelhas d'actor, que de nada valem. Nem eu deixo por isso de ser um grande admirador do antigo Santos, nem tão pouco de applaudir Brazão por desejar comprehender Hugo ou Shakes.

E passado o prologo, o Album contém uma curiosa colleção de pequenas artigos dedicados a Santos durante a sua carreira".

Que original estabreijadura de noites de benefício, tão particular em terras portuguesas! Até os mais brilhantes naufragam, como Guilherme Braga, que assigna versos medieiros donde apenas se salva esta quadra allusiva ás agúlas, imagens symbolicas do genio:

Tão longe as vazes vão, mergulham-se tão alto,
Procurando em cima os parâmetros da luz
Que dem, onde está só, do ^{parâmetros} se quer esconder
Aparentado rumor, desperta em sobresalto!

Agora leiam isto :

Eia! devida fé! não te ofendas
Como deuses! Confiar do amor!
Transfigura-te! não te ofendas,
Fai sem pensar!

Dascena

☐ Thabor!

Quem Charlene novíssima não tem nada que dizer! Ela
Faz sempre na... \(\square\)

Também não foi destino feliz o sr. Thomas Ribeiro que, após o segundo gamão :

Pecou uma graça te única:
— Aberte a minha mão! —
Bem hajaz! Segue e acclame-te
Bem hajaz a multidão.

Muito se azoda a poesia quando entra em S. Bento!

Ontvejiam como exclama o sr. Alberto Pimenta, como ele interroga os tumulos que escondem os artistas idos:

Onde loira Manuela?
Onde Epitácio, o pharol?
Onde Sargento, a graça?
Onde Tasso e a sua glória?

Com sua verdadeira identidade, um artista, uma vida inteira para depois ser tratado de *pinel* por um poeta de bicho de e para, e de mais. Onde a loira Manuela?...

Quinto barão, depois d'uma trovada de applausos, de
fazer versos, e a sua exclamação:

Grande artista, ouve as palmas,
 Os clamores d'esta ovação
 São eidos das novas almas,
 São votos do coração !

E assim por diante. Mas os alimentos que não tudo são capazes, logo não se pode não fazer a tradução de

o amor, a amizade, a gratidão, e esta engratidão que Garrido escreveu uma nova história. Santos. Aqui está um homem que não pode mais fazer uma viagem: porque as viagens são para quem andam e não para quem não andam. Não teríamos com quem falar, não teríamos, não este mundo.

Eu penso que isto de por talentos nas nuvens, é uma vantagem — porque ficamos livres de muito sono! Gramscian estes versos de gram não é notável, nem eminente, mas que pela graça parece um sucessor de Labiche:

En em vende uma bengala
Sei logo o dono quem é!

Bengala d'unicorno — casido d'ouro —
 Ricato — p. de boi — homem feio,
 Que tem goso tranquillo, as largas sommas
 Que ahi se amontão n'essas Braças!
 Que aulano p. de seia — e bom grilão
 Pendente do peçoço em trinta rolos;
 Que fôrta cadeia dobrada e grande anel
 Um grande anel equi...
 (mostrando o indicador) no fôrta bôlos

De castanho ou de pau santo
 Sem ponteira nem castão,
 Com passadeira de couro
 Fica nunca suja da mão: —
 Ou de cabo de polícia,
 Ou então

Dhomen que **fai** **marinheiro**,
Mas **tem** **outra** **ocupação**
Calafate,... ou **cigarreiro**,...
Tipo **com** **que** **se** **não** **manga**
Su **ficar** **em** **mais** **leucos**,
Que **não** **de** **calça** **de** **ganga**,
Chapéu **alto** — **e** **caracóis**!

Granite canus da fúndia, amarello j
Comprido e pesado, V
Com ponteira de chifre ou de ferro
E muleta de chumbo ottavada rr
Se não for da policia secreta:

domo famoso ornamento
 Foi com certeza sabonete
 Ou troupa de regimento!
 Grosso junco revirado
 Nas alturas do castão: —

Outro junco!... Mas queimado
 N'uma graciosa espiral;
 Appetecido e comprado
 Na rixa do Arsenal, —
 E um quasi nada mais grosso,
 Tanto em cima um botão d'osso
 Por castido: =
 Bocal gallego enfeitado
 Em dia de confissão!

Bengala de tronco d'arvore;
Florim de gosto singelo;
Mas de tal forma inaguento,
Que antes quer trazar chinellon
Que andar um dia... um momento,
De botas de pelizamento
Compepoitos amarellos!

Formidável: casse-tête
 Com formidável castão,
 Cujos apêndices mudo marte
 Ao mal-faço farragoso –
 Velele Mâe-solim!
 Lúngua: **CS33** – Ao 10/10
 Ratan guirigó calado

Por ir c'elaz ao Penjar!...
 Typo-fil-pauco dinheira,
 i. Que sua sempre brajeiro,
 Eim! Ao chitro...
 (Ponco a banda)

*Gratin / admissão — Porcelana...
Que de chufas atrevidas,
Mas que não toca viola!
Homem bulhento em cafés,
Que a toda gente aconhineta
Que rapa do case-tela...
E quando dois pontões!*

Castão sobre o junco mais fino e mais lido,
Mostrando a carota medonha de Pan,
Oh Venus, na concha, das ondas salindo,
Oh Eva formosa comendo a maçã: —

Sujeito bem conservado
Com praximpeito a ser bello.
Que traz a calça pincada
E tem humeta doirada
Com sa contada de bello; —
Pessoa de boa fama
Que nunca entendi as botas.
Que anda com as botas sem lante
E nunca entamei as botas —
Se p'ra quateis sico, pouco
Se algium um sico the deu,
Em vez de dar outro sóo
Vae apañar o chapéo! —
Ratoão que das memoras
Aos amovos devolve,
Deve as prendas delicadas
Dumas carceiras bordadas
E um limão par de chinelos! —
Homem de poucos credores,
Sempre das coitas mais lisas,
Que dos visinhos não fallia,
E guarda á noite a bengala
Na gaveta das camisas!

Eis uma amostra, e uma larga amostra d'este curioso livro. É um bom cabedal para um biographo e tem uma particularidade interessante — prova que Santos foi sempre justamente amado e applaudido por todos. Assim o merecia o seu enorme e soberbo talento.

O TUMULO DE GAMBETTA EM NICE. — O Sr. de Lamoignon acaba de publicar um opusculo sobre a captura e rapta impresso de viagem, quando foi feita a morte de Gambetta em Nice, e ao mesmo tempo conta nos a largos traços a vida do grande tribuna.

Não se podem exigir em vinte e duas páginas de prosa um longo estudo sobre o homem que desempenhou um tão importante papel na vida da terceira república francesa. O sr. dr. Luiz Jardim, trata apenas, numa linguagem elevada, de lançar em ramos de violências e desordens cobrir diante d'aquelle tumulto ha pouco fechoado. São páginas que revelam a grande administração d'um ceptito sempre entregue aos grupos politicos, pela memoria d'um homem que tanto se queia collar n'isto d'um quartel do nosso século.

O tumulto de Gambrinus é ilustrado sempre, e pelo tribuna e com uma gravura representando o modesto monumento do cemitério de St. Peter e a homenagem do St. Jardim, tem a grande importância de ser sincero e sentida, e é por isso que aqui se menciona o auctor n'isso depois de fazer uma obra literaria. E apenas um preito singular, e nem por isso e de menor valor.

O tumulo de Gambetta foi impresso na Typographia Espreveriana de Lisboa, donde estão saindo trabalhos verdadeiramente primorosos, como esta 1.^a edição das *Minutæ*, que he pouco apparece no mercado, publicada pelo nosso collaborador Benteo Moreno.

**Temo por mim: dá-me a ser recomendado às pessoas
leitoras a PASTA EPID (DOR) DUSSER com o seu
efeito para destruir todos os peiores desagradáveis do
rosto.**

[illegible]

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO»

MAZURKA

F. CHOPIN

Vivo (♩ = 60)

PIANO

f semplice

dimin.

mezza voce

f

f

sotto voce

cresc.

Dal Segno senza Fina